

Nada a comemorar

» DECO BANCILLON
ENVIADO ESPECIAL

Rio de Janeiro — A economia voltou a crescer no terceiro trimestre, quando o Produto Interno Bruto (PIB) avançou 0,1%. Ainda que o desempenho tenha beirado o zero, o resultado levemente positivo permitiu a saída oficial do país do quadro de recessão técnica. O termo é usado para descrever a situação de uma economia que encolhe por dois trimestres consecutivos, como ocorreu no Brasil de janeiro a junho.

A primeira vista, os números podem fazer crer que o país entrou num processo de “retomada do crescimento”, como frisou nota oficial divulgada ontem pelo Ministério da Fazenda, atribuída ao ainda titular da pasta, Guido Mantega. Mas não é bem assim, como mostra a avaliação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelo cálculo do PIB. “Crescimento mesmo a gente considera de 0,5% para cima”, afirmou a gerente de Contas Nacionais do órgão, Rebeca Palis, acrescentando que um avanço de 0,1%, como o registrado, “é mais ou menos a margem de erro”. “Realmente, (um resultado) muito próximo do zero está mais para a estabilidade”, reforçou.

A cautela tem justificativa. Na comparação com o período julho-setembro de 2013, o PIB encolheu 0,2%. O resultado coloca o Brasil à frente apenas da Itália, do Japão e da Ucrânia no ranking de crescimento econômico, conforme estudo divulgado ontem pela agência de classificação de risco brasileira Austin Rating.

No levantamento, o país ocupa um modesto 31º lugar numa lista de 34 nações. Está em melhor situação até que a Rússia, que enfrenta sanções econômicas devido aos conflitos com a Ucrânia. “Mesmo países que enfrentaram severas crises econômicas e financeiras, como Grécia, Polônia, Lituânia, Estônia e Eslováquia, têm apresentado desempenho melhor que o Brasil”, listou o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini.

Não é só essa comparação que desanima. Também os resultados acumulados em 2014 estão longe de mostrar um país em recuperação. Após encolher 0,2% entre janeiro e março, e mais 0,6% de abril a junho, o PIB desacelerou para uma alta de apenas 0,2% no ano. É, coincidentemente, a aposta que bancos e corretoras fazem para o desempenho da atividade econômica em 2014, conforme a mediana das projeções do mais recente boletim Focus, do Banco Central.

Até essa estimativa pode ser revisada para baixo nas próximas semanas, em função de resultados decepcionantes registrados pelos principais motores do crescimento, como indústria e comércio varejista, que ainda não engataram uma retomada. “Se o desempenho vier abaixo zero no quarto trimestre, isso sacramentaria um PIB negativo em 2014”, disse o economista-sênior do Besi Investimento, Flávio Serrano. Em outras palavras, significaria uma volta à recessão. “Ainda que seja positivo, o resultado do ano certamente será fraco e bem próximo de zero”, emendou.

Ajuda do Estado

Poderia ter sido pior. A alta de 0,1% nem ocorreria se o governo não tivesse turbinado gastos durante a campanha eleitoral, conforme deixaram claro os números do IBGE. Entre julho e setembro, o consumo do setor público cresceu 1,3%. Foi o quarto avanço em cinco trimestres, o que confirma uma tendência de descontrole das contas públicas, já que, por cinco meses seguidos, o Tesouro Nacional registrou rombo no caixa.

No acumulado do ano, os gastos do setor público já avançam 2%. Essa ajuda, porém, deve acabar, como sinalizou na quinta-feira o próximo ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Só após fechar a torneira dos gastos, disse o novo comandante da política econômica, o país criará condições para resgatar a confiança de empresários e de famílias e voltar a crescer.

Estrangulado pela escalada da inflação e pela elevação dos juros ao consumidor, que solaparam a renda disponível, o consumo das famílias encolheu 0,3%, o pior resultado desde o quarto trimestre de 2008, no auge da crise financeira mundial. O cenário também é adverso para o investimento. Mesmo após crescer 1,3% entre julho e setembro, interrompendo uma sequência de quatro quedas consecutivas, a Formação Bruta de Capital Fixo mostra um quadro desolador: uma queda 8,5% em relação ao mesmo período de 2013. Com isso, a taxa que mede a participação dos investimentos na economia atingiu 17,4%, o pior resultado em quatro anos.

O objetivo da equipe econômica é elevar esse indicador para 25% do PIB, patamar semelhante ao de outros países latino-americanos, como o Chile, mas ainda bem inferior ao de economias emergentes como a China, que tem índice na casa dos 50%. Para isso, será preciso garantir a retomada da indústria, setor que mais responde pela oferta de investimentos e que concentra os empregos mais bem remunerados no país. Devido a uma base de comparação baixa com o segundo trimestre, quando a produção das fábricas teve queda de 1,5%, os resultados registrados entre julho e setembro surpreenderam positivamente: alta de 1,7%. Ao olhar para igual período do ano passado, o quadro ainda permanece o mesmo, de queda de 1,5%.

Garantir a melhora desses resultados, observou carta do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), é o que poderá indicar a retomada do crescimento. Mas, para isso, será preciso que a nova equipe econômica coloque em prática as medidas necessárias para conter gastos. “O plano de ajuste fiscal do governo poderá contribuir para fortalecer as expectativas dos empresários e isso ajudará na recuperação dos investimentos, que ainda é muito modesta”, conforme nota da entidade. Um empecilho a essa retomada, acrescentou o instituto, é a perspectiva de juros mais elevados, uma vez que o Comitê de Política Monetária (Copom) já deu início a um novo ciclo de elevação da Selic. “A boa dosagem entre austeridade fiscal e níveis de taxas de juros será fundamental para não abortar essa recuperação.”

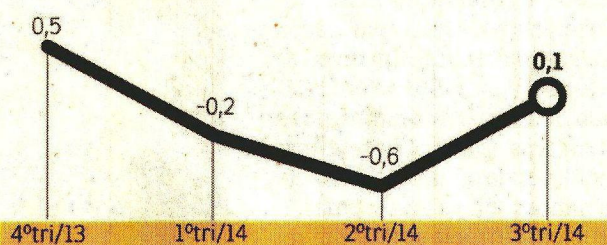


Avanço tímido

País saiu da recessão, mas economia ainda não deu sinais de retomada

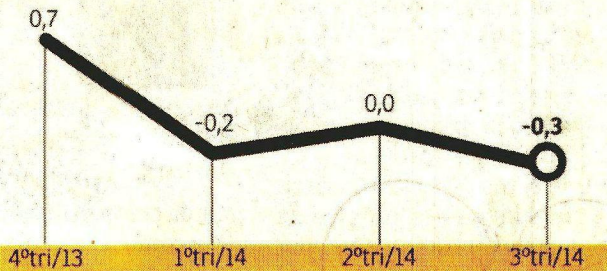
■ Alívio (em %)

PIB avança 0,1% no trimestre e economia sai da recessão técnica



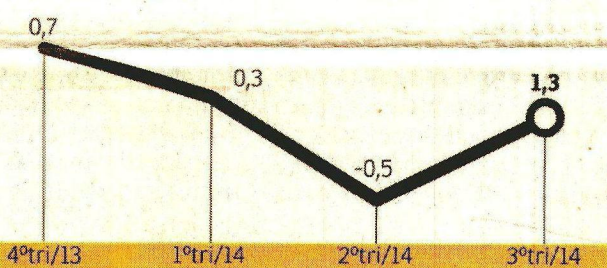
■ Bolso vazio (em %)

Em meio à escalada da inflação, consumo das famílias tem maior queda desde 2008



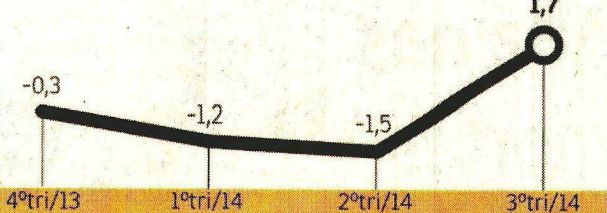
■ Cofres cheios (em %)

Às vésperas da eleição, governo turbinou gastos e consumo do setor público disparou



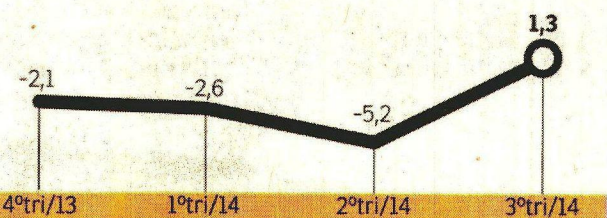
■ Tímida melhora (em %)

Fim da Copa ajuda a indústria a reverter quatro quedas consecutivas



■ Alívio momentâneo (em %)

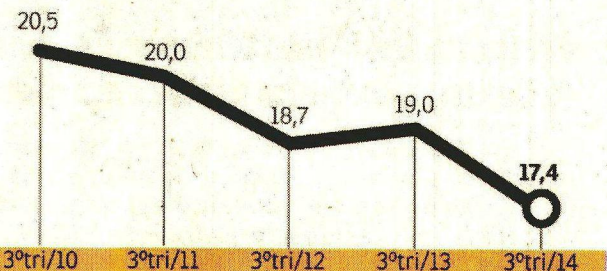
Investimentos crescem e interrompem trajetória de quedas no ano



■ Distante do ideal

Desembolsos não mudam quadro para o investimento

Formação Bruta de Capital Fixo (em % do PIB)



■ Mal na foto

Brasil está nas últimas posições do ranking mundial de crescimento. Abaixo, a evolução do PIB no terceiro trimestre de 2014, comparado ao mesmo período de 2013

Países — Variação (em %)

1º China	7,3	18º Estônia	2,1
2º Malásia	5,6	19º Peru	1,8
3º Filipinas	5,3	20º Grécia	1,7
4º Índia	5,0	21º Espanha	1,6
5º Indonésia	5,0	22º África do Sul	1,4
6º Taiwan	3,8	23º Alemanha	1,2
7º Polônia	3,3	24º Holanda	1,1
8º Coreia do Sul	3,2	25º Portugal	1,0
9º Hungria	3,2	26º Chile	0,8
10º Reino Unido	3,0	27º Bélgica	0,8
11º Cingapura	2,8	28º Rússia	0,7
12º Hong Kong	2,7	29º Tailândia	0,6
13º Lituânia	2,7	30º França	0,4
14º Israel	2,5	31º Brasil	-0,2
15º EUA	2,4	32º Itália	-0,4
16º México	2,2	33º Japão	-1,2
17º Noruega	2,1	34º Ucrânia	-5,1